

GEORGE KENNAN E O MERCADO DE CAPITAIS SIMBÓLICOS NO GOVERNO TRUMAN

Andrea PENNACCHI¹

RESUMO: O presente texto analisa a estrutura de capitais simbólicos dispendidos por determinados membros do alto escalão do Departamento de Estado e de Defesa durante o governo Truman e sua evolução ao longo dos primeiros anos da Guerra Fria. Seu objetivo é apresentar um quadro sucinto de como se desenvolveram esses mecanismos de poder e o principal ponto de referência do grupo é o diplomata e historiador George F. Kennan, autor de controverso telegrama enviado ao Secretário de Estado em 1946 e suas ideias sobre como deveriam ser desenvolvidas as relações dos Estados Unidos com a União Soviética no pós Guerra. Na estrutura metodológica dessa análise, encontram-se os conceitos de mercado de bens simbólicos propostos por Pierre Bourdieu e o artigo aborda como o capital das relações entre esses membros dos Departamentos de Estado e Defesa se manifestou de formas diferentes, em termos de valor. Em alguns casos, observa-se que essas relações de poder se deram em consequência de posição na fratria social, em outros, de relações com o partido, com fratrias universitárias, com atividades profissionais em Wall Street ou em escritórios de advocacia que atendiam ao governo ou grandes empresas, ou de cargos militares, administrativos ou de inteligência ocupados durante a 2ª. Guerra, ou de relações profissionais na diplomacia ou até mesmo, do cruzamento desses vários capitais.

Palavras-chave: Guerra Fria. George Kennan. Mercado de Bens Simbólicos. Relações Internacionais.

1 INTRODUÇÃO

Durante a era Roosevelt e mesmo nos primeiros meses após o fim da Segunda Guerra observou-se tanto nas ruas, quanto nos corredores do poder, que grande parte dos norte-americanos ainda via a emergência da União Soviética no cenário internacional com uma espécie de fascínio assombrado e tinha fortes expectativas em relação à parceria construtiva e pacífica que poderia ser desenvolvida entre os dois países na reconstrução de um novo mundo sobre os escombros da guerra.

Esgotados pelo conflito muitos cidadãos ansiavam pela normalidade da vida civil, mas uma pequena facção de elite política que não tinha a menor intenção de permitir que seu país retornasse ao contexto internacional com as mesmas

¹A autora é doutora em História pela Universidade Estadual Paulista – UNESP/Assis e professora dos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Serviço Social das Faculdades Integradas “Antonio Eufrasio de Toledo”, de Presidente Prudente, SP

políticas isolacionistas que o caracterizaram no período anterior à guerra, tomou para si o que considerava uma “missão” patriótica: consolidar a hegemonia que os Estados Unidos conquistaram com a guerra e “criar” um mundo mais livre e democrático, moldado nos valores e crenças capitalistas e democráticos.

Desfraldando a bandeira da liberdade por todo o mundo civilizado, esses “escolhidos do destino” se propunham a reafirmar e consolidar o “Século Americano” que Henry Luceⁱ havia descrito em editorial da *Time Magazine*, em 1941.

Os “escolhidos” faziam parte de uma facção importante do *Establishment* norte-americano do pós-guerra que, tendo acumulado capitais sociais, econômicos, políticos e profissionais ao longo quatro décadas, tiveram facilitados seu acesso à carreira política e a posições dominantes nas frações dirigentes durante a Guerra Fria. Valorizavam a visão internacionalista e o realismo político e, engajados na luta comum contra o isolacionismo, perceberam que a adesão da opinião pública e de seus próprios pares ao seu projeto de poder seria mais facilmente conquistada se o fizessem sob o argumento de coibir a expansão de um adversário externo que ameaçasse a segurança nacional - no caso, a União Soviética e o comunismo.

As *variações de rumo* na trajetória desses diplomatas ou militares, por outro lado, foram consequência das mudanças ocorridas na transição da administração Roosevelt para a administração Truman, além da emergência da União Soviética como potencia hegemônica na arena internacional. Ou seja, o acesso a posições políticas dominantes aparece nos Quadros, de certa forma, como produto de uma estratégia de reconversão que os “retirou” da vida privada para atuarem ao lado de Truman e os atraiu para os centros de poder, num conveniente “chamado” da nação para defendê-la de ideologias contráriasⁱⁱ.

O *êxito* e a *permanência* maior, ou menor, de cada um desses agentes no campo do poder foram determinados principalmente pelo grau de relações profissionais e pessoais mantidas entre eles e os dois presidentes em exercício e, em menor escala, com o Congresso, imprensa e grande massa.

Por defenderem um projeto de relações externas objetivo e direcionado para a contenção da expansão soviética, viam suas trajetórias políticas e grau de influência se alterar na mesma proporção em que, politicamente, mudassem ou se radicalizassem as relações com a União Soviética - ou de acordo com sua adequação, ou não, às consequências advindas das novas diretrizes.

O mecanismo que dava acesso ao campo dependia da capacidade de cada agente utilizar de forma adequada o capital de prestígio de que dispunha, acionando a seu favor relações sociais de honorabilidadeⁱⁱⁱ ou de conhecimento. Dentre os pesquisados, o presidente F. D. Roosevelt, William A. Harriman, Robert Lovett, Dean Acheson, Charles Bohlen e George Marshall utilizaram seu capital de honorabilidade como estratégia de acesso e manutenção de poder; George Kennan, John McCloy e James Forrestal o fizeram com seu capital de conhecimento.

2 DESENVOLVIMENTO

Tomando a trajetória de George Kennan e Charles Bohlen como exemplo, observa-se que ambos experimentaram a proximidade com o poder soviético durante o período que serviram na embaixada americana em Moscou, na década de 1930. A partir dessa experiência comum, eles formaram uma opinião técnica bem definida de como os Estados Unidos deveriam se relacionar com os russos. Posteriormente, em meados dos anos 1940, uma nova convivência na embaixada de Moscou entre Kennan e Harriman alteraria a visão do mundo soviético do embaixador, que por sua vez, no decorrer da 2ª. Guerra, atrairia Lovett, McCloy, Acheson e outros a Washington, para formarem a equipe de internacionalistas que atuaria com Truman nos primeiros momentos do pós guerra.

É difícil discutir a extensão do papel individual de *cada um* desses agentes no fluxo da História, mas uma coisa é certa: por intermédio das relações de poder que mantiveram no campo da política - e enquanto as sustentaram - eles tanto direcionaram as relações internacionais para o lado que melhor lhes aprouvera, quanto atraíram para sua ideologia internacionalista “universal” o maior número possível de adeptos.

Em suas memórias, é interessante observar que todos apresentaram ao mundo uma versão própria dos eventos de que participaram^{iv} e que, ao retratarem o período com suas próprias cores, preencheram algumas lacunas da historiografia e ofereceram à sociedade uma melhor dimensão dos papéis que desempenharam individualmente na configuração de uma nova ordem internacional.

Os eventos desencadeados em consequência de ações individuais dos pesquisados e a análise das trajetórias de cada um deles permitiu constatar que, além dos eventos históricos que provocaram sua intersecção no campo político, suas atuações e predileções individuais também tiveram um papel determinante na inspiração de uma nova política externa para os Estados Unidos^v.

George Kennan era oriundo de uma classe média distinta e razoavelmente letrada, mas totalmente desprovido de recursos financeiros ou de capitais sociais consistentes. Quando por concurso público ele assumiu um cargo na burocracia do Estado, sua trajetória de ascensão hierárquica foi pouco significativa, apesar de sempre ter demonstrado competência comprovada.

Em 1946, no entanto, ele foi subitamente catapultado para o topo e convocado a Washington para colocar em prática as propostas que delineara no Longo Telegrama. Sua aguda percepção analítica em relação aos soviéticos, no entanto, não foi suficiente para que compreendesse os interesses que moviam seus próprios conterrâneos, nem permitiu que percebesse que sua posição no Gabinete de Planejamento Político, frágil e dependente de instâncias superiores, sustentava-se na disposição – que ele não tinha - de continuar ofertando ao grupo que o adotara uma produção simbólica compatível com os interesses dominantes.

Kennan tinha certa dificuldade em cumprir fielmente os cânones da burocracia, com tendência a contestá-los. Quando percebeu que a Doutrina da Contenção estava se desviando dos rumos que idealizara, tornando-se mais militarista, passou a clamar independência intelectual e manifestar-se contrário a alguns de seus desdobramentos, insistindo obstinadamente que o Departamento de Estado deveria se manter na linha moderada e institucional nas relações com os soviéticos. Pregava uma guerra política e abominava a idéia de um confronto direto^{vi}.

Sua insistência em perseguir objetivos mais institucionais e menos militaristas começou a incomodar um grupo de republicanos adeptos de uma linha mais incisiva e ao próprio Presidente, pois a opinião pública, devidamente inflamada contra o socialismo soviético, além de cobrar governantes atitudes mais enérgicas, certamente se horrorizaria com a idéia de criar estratégias secretas para dissolver grupos comunistas ao redor do mundo.

Percebendo que Kennan e seu grupo estavam perdendo influência, os militaristas entreviram a oportunidade de neutralizar os contencionistas moderados

do campo e ocupar sua posição. Detentor de uma visão pessimista e desencantada em relação ao mundo político e aos mecanismos democráticos que movimentavam Washington, Kennan resistia obstinadamente em render-se às características próprias da hierarquia funcional e insistia em desprezar convenções burocráticas corriqueiras^{vii}.

Essa inabilidade política, além de lhe render conflitos de ordem prática e operacional no interior do Departamento, também se manifestou em outras áreas^{viii} e seu comportamento independente e rebelde numa instituição que exigia respeito e obediência hierárquica, só poderia desestabilizar ainda mais a posição que ocupava no grupo. Em pouco menos de dois anos, sua trajetória de ascensão no campo se invertera: de *reverenciado e respeitado*, ele passou a ser *negligenciado e ignorado* até que, agastado por não ter mais voz, ele solicitasse o afastamento oficial de seu cargo.

O contexto conjuntural que favorecera sua ascensão em 1946 e 1947 desaparecera. James Forrestal, que desde o primeiro momento em que pusera os olhos no Longo Telegrama, lhe dera o apoio integral do Departamento da Defesa, morrera em maio de 1949. George Marshall, Secretário de Estado que havia lhe dado carta branca para criar o Gabinete de Planejamento Político, corroborara todas as suas ações relativas ao plano de Recuperação Européia (plano Marshall) e à criação da CIA e fora ouvinte atento de seus conselhos, havia sido substituído por Dean Acheson e posteriormente, por John Foster Dulles, com quem ele não comungava a mesma visão de mundo. A China havia se tornado comunista, apesar de todas as ações contencionistas do Departamento de Estado. A dominação soviética se fechara em torno do Leste Europeu. O Estado de Israel fora reconhecido pelos Estados Unidos, apesar de todo o aconselhamento contrário dos oficiais do Departamento de Estado ao Presidente. Os russos também já tinham construído sua bomba atômica.

Mais do que nunca, a “guerra política” criada, organizada e orquestrada pelo Gabinete de Planejamento Político de Kennan permitia que a CIA e indiretamente, os Estados Unidos, tivessem acesso direto a todos os grandes eventos políticos do mundo.

Desencadeado o processo e colocado em andamento para atender às demandas da opinião pública, Kennan deixara de ser necessário. A Guerra Fria não era mais uma possibilidade, um projeto disperso e fragmentado nas mãos de um

pequeno grupo que se acercara do poder para fazer prevalecer as suas crenças no cenário externo: tornara-se um rebento concreto e ameaçador e saíra do controle de seus criadores.

Ou seja, em fins da década de 1940, disputas com outros agentes do departamento de Estado ou exigências de outras facções contendoras do campo provocaram o declínio da influência do grupo e os que ocupavam postos no centro do poder se sentiram ameaçados de perder posição no campo dominante. Muitos mudaram de estratégia e reconverteram o processo, alinhando-se às novas correntes mais radicais do grupo e cedendo às novas tendências nas relações entre americanos e soviéticos. Kennan não se deu a esse trabalho.

Quando pressentiu que deixara de ser útil ao grupo que o catapultara ao poder em 1949, se lhe fosse importante a permanecer no campo, ele poderia ter-se realinhado à proposta de um militarismo mais agressivo como o proposto por Nitze (NSC-68), quando a opinião pública e os militares pressionaram o Departamento de Estado e o Gabinete de Planejamento Estratégico por ações mais radicais contra os soviéticos. No entanto, desgostoso com os rumos que sua Doutrina de Contenção estava tomando e após receber de Robert Oppenheimer um convite para exercer funções acadêmicas em Princeton - que lhe supririam necessidades materiais e simbólicas – ele preferiu manter-se firme em seu ponto de vista moderado e não militarista e abandonou qualquer estratégia de reversão.

Outros agentes, ocupando posições em falso por terem dilapidado parte de seu capital social em conflitos com outros atores emergentes na arena do campo, como Dean Acheson ou George Marshall - nas questões da Revolução Chinesa^{ix} contra McCarthy e no reconhecimento de Israel, contra outros agentes próximos ao poder, como Harry Clifford e Dean Rusk - sabiam que ainda poderiam contar com algum capital social disponível.

Para eles, a única possibilidade de reconversão ao campo, ou de evitar que se sujeitassem a rebaixamentos ainda maiores, dependia do uso adequado do capital social que haviam poupado e de outras conjunturas estratégicas pregressas, como a garantia de sobrevivência material por empreendimentos que já haviam desenvolvido antes de serem convocados ao governo, além de seus vínculos universitários, de casamento, de alinhamento ao partido dominante, ou de relações profissionais. Marshall passou a presidir a Cruz Vermelha Internacional^x por exemplo, e Dean Acheson, apesar de ter retornado à prática privada, manteve-se

em permanente contato com a Casa Branca, servindo de conselheiro a todos os presidentes que sucederam Truman, até sua morte.

Os vínculos criados durante a Guerra em atividades militares, de inteligência ou diplomacia – muitas delas intimamente relacionadas entre si – também tiveram papel dominante na trajetória de cada um.

Cada vez que um novo governante dos Estados Unidos - Roosevelt (1933-1945), Truman (1945 – 1952) e posteriormente, Eisenhower (1953 -1961) - descendia ou ascendia ao poder, observa-se que a fração dominante à sua volta evoluía no mesmo sentido, desaparecendo ou emergindo na arena política para desocupar ou ocupar as novas posições criadas com a expansão do mercado de postos administrativos, políticos e culturais vinculados à nova ordem bipolar delineada no pós-guerra.

Para os agentes deste estudo, a rentabilidade do capital simbólico que haviam acumulado dependia, no limite, das exigências do trabalho de dominação legal^{xi} e dos fatores externos à lógica do funcionamento desse capital^{xii}. Esses fatores foram determinantes para que, como *internacionalistas*, eles se encaixassem nos postos que estavam sendo abertos e cujo acesso, até então, fora exclusivo a agentes das linhas políticas com visão de mundo diferente (*idealista* e *isolacionista*) da que começava a predominar.

O capital das relações entre eles, facilitando o acesso às posições dominantes, se manifestou de formas diferentes, em termos de valor. Em alguns casos, foram consequência de posição na fratria social (Harriman e Lovett), em outros, de relações com o partido (Roosevelt, Truman, Forrestal e Acheson), de vínculos com fratrias universitárias (Roosevelt, Harriman, Lovett e Acheson), de relacionamentos profissionais em Wall Street (Harriman, Lovett, Forrestal e McCloy), de funções em escritórios de advocacia que atendiam ao governo ou às grandes empresas (McCloy e Lovett), de cargos militares, administrativos ou de inteligência ocupados durante a 2ª. Guerra (Truman, Lovett, McCloy, Marshall e Forrestal), de relações profissionais na diplomacia (Kennan e Bohlen) e até mesmo do cruzamento de vários desses capitais .

Quando George Kennan e os demais servidores que comungavam com sua visão sobre a União Soviética se tornaram desnecessários, foram gradualmente afastados do centro do poder e viram-se passando o bastão – involuntariamente – para que outros servidores, com posturas bem mais radicais em relação aos

soviéticos^{xiii}, continuassem assessorando os interesses de um governo que se tornava cada vez mais militarista.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O imenso capital social que Kennan acumulara durante sua estadia no Departamento de Estado não se esvaíra na mesma proporção que seu poder, mesmo porque seu capital de conhecimento continuava intacto, ou melhor, estava ainda mais fortalecido pela íntima convivência com o poder e pela oportunidade de ver, aplicadas, várias de suas produções simbólicas. Portanto, ele ainda tinha recursos importantes para negociar no mercado simbólico, seja pelos postos prestigiosos e influentes que ocupara na hierarquia burocrática do governo, seja pelas relações fratriais que construiu nesse processo.

Foi o que ocorreu. Outros parceiros na aplicação da Doutrina de Contenção, detentores de imenso capital econômico além do capital social acumulado em suas relações com o governo, retornaram às suas vidas produtivas no campo da economia liberal, mas Kennan migrou definitivamente para o campo intelectual, levando consigo parte do prestígio outorgado por seu profundo conhecimento da sociedade soviética.

No novo campo, na Universidade de *Princeton* e mais especificamente no *Institute of Advance Studies*, ele se utilizou largamente desse capital em suas estratégias para ser aceito no novo grupo e para ocupar uma posição central entre eles^{xiv}.

Assim, invertendo ou controlando a trajetória descendente que o havia ameaçado no campo político, ele passou a ocupar uma posição dominante no interior do campo intelectual onde, das alturas de sua “torre de cristal”, sentiu-se completamente à vontade – já que sua sobrevivência material não estava mais vinculada a um cargo no Departamento de Estado – para dardejear uma prolífera produção crítica contra o grupo dominante do campo que o expulsara.

O mesmo processo de movimentação no mercado de capitais simbólicos pode ser observado em relação aos demais membros do Departamento de Estado e de Defesa e o que se nota é que, além de cada um dos pesquisados ter

utilizado seus bens simbólicos de formas diferentes para se manter no campo, ou para preservar o capital social acumulado, quando por motivos diversos eram afastados dos centros de poder, esses capitais sociais continuavam a ser largamente utilizados em seus interesses privados, já que se mantinham indiretamente vinculados ao governo como conselheiros, ou como membros de comissões públicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHESON, Dean. **Present at the Creation: my years in the State Department.** (Memories) New York: W.W. Norton & Co, 1987.

_____. **Morning and Noon.** (Memories) Boston: Houghton Mifflin, 1965.

CLARE, John D. *An interview with George Kennan: Kennan on the Cold War*, April 1, 2009. Disponível em <http://www.johndclare.net/cold_war7_Kennan_interview.htm> . Acesso em 30/07/09.

CNN Cold War Interview with George F. Kennan. In **CNN**. Maio e junho/1996. Disponível em:

<<http://www.cnn.com/SPECIALS/cold.war/episodes/01/interviews/kennan>>. Acesso em 25/07/2006.

FORRESTAL, James; MILLIS, Walter; DUFFIELD, E. S., (Org.), *The Forrestal Diaries*, New York: Viking Press, 1951.

GERGEN, David. *Entrevista com George Kennan.* 18/04/1996 In **US News and World Report** por ocasião da publicação do livro **At A Century's Ending: Reflections 1982-1995** e publicada na seção de Essays and Dialogues da PBS News, Arlington, Virginia. Disponível em:< <http://www.pbs.org/newshour/gergen/kennan.html>>. Acesso em 12/10/2006.

HARRIMAN, W. Averell & ABELL, Elie. **Special Envoy to Churchill and Stalin, 1941-1946.** (Memories) Random House Inc, 1975.

HARRIMAN, W. A. **America and Russia in a changing world: A half century of personal observation. (Memories)** New York: Double Day, 1971.

_____. **Public papers of Averell Harriman, fifty-second governor of the state of New York, 1955-1959** (1960). Disponível em <<http://lcweb2.loc.gov/service/mss/eadxmlmss/eadpdfmss/2003/ms003012.pdf>>. Acesso em 21/07/2009.

HARRY TRUMAN Library & Museum. Disponível em <http://www.trumanlibrary.org/oralhist/wright.htm>. Acesso em 03/03/2010.
HESS, Jerry N & FELIX, E. Larkin. *Oral History Interview*. (18/09/1972 e 23/10/1972). **Truman Library**. Disponível em <<http://www.trumanlibrary.org/oralhist/larkin.htm>>. Acesso em 26/03/2009.

KENNAN George F. & LUKACS, John. George F. Kennan and the origins of Containment. 1944-1946: The Kennan/Lukacs correspondence. Jefferson City: University of Missouri Press, 1997.

KENNAN, George F. ("X") *The Sources of Soviet Conduct*, *Foreign Affairs* 25 (4): 566–582, Julho, 1947. Disponível em <http://en.wikisource.org/wiki/The_Sources_of_Soviet_Conduct>. Acesso em 13/07/2006

_____. Containment: 40 years later. Containment then and now. In **Foreign Affairs**, Spring, 1987.

_____. **Memoirs 1925-1950**. Boston: Little Brown and Company, 1992.

_____. *The long telegram*. Answer to **Dept's 284**, Feb. 3, Moscow, Feb, 22. 1946

_____. *The sources of Soviet Conduct*. In **American Diplomacy**. Chicago: The University of Chicago Press, 1951, 1979, 1984.

_____. Two hundred years of American policy: the United States and the Soviet Union: 1917-1976. In **Foreign Affairs**, July, 1976.

_____. **Memorandum by the Director of the Policy Planning Staff to the Secretary of State and the Under Secretary of State. PPS23: Review of Current Trends in U.S. Foreign Policy. In Foreign Relations of the United States**, 1948, Volume I, pp. 509-529.

MCCLOY, John J. - *John J. McCloy Papers, 1897-1989* (set: 1940-1979) **Amherst College Archives**. Disponível em

<http://asteria.fivecolleges.edu/findaids/amherst/ma35_main.html>. Acesso em 20/04/2008.

MUDD, Seeley G. *Diaries of James V. Forrestal 1944-1949*. Manuscript Library, Princeton University. Disponível em <http://www.adam-matthew-publications.co.uk/collections_az/DiariesJVForr/contents-of-reels.aspx>. Acesso em 10 Fev 2010.

PRESIDENT HARRY TRUMAN *Address Before a Joint Session of Congress, March 12, 1947*. Disponível em <http://avalon.law.yale.edu/20th_century/trudoc.asp>. Acesso em 29/07/2009

_____. *List of appointments for first Embassy and Consulate General representation at communist Russia*. In **The New York Times**, Feb 10, 1934

TRUMAN. Harry. *Thoughts Of A President, 1945*. In EyeWitness to History. (1999). Disponível em <www.eyewitnesstohistory.com>. Acesso em 24/04/2010.

Notas

i Henry Luce graduou-se em 1920 em Yale, onde tornou-se membro da fraternidade Alpha Delta Phi e em seu último ano, da sociedade secreta *Skull & Bones* (Esqueleto e Ossos). Foi editor assistente de Briton Hadden, editor chefe do Yale Daily News, com quem fazia uma parceria frutífera na fundação da Time Magazine em 1922, idealizada por eles quando ainda eram parceiros na *Skull & Bones*. Em meados de 1960, a *Time Inc.* já era a maior e mais conhecida editora de revistas do mundo, consistindo de vários títulos, como a *Fortune* e a *Life Illustrated* (1936), a *House & Home* (1952), a *Sports Illustrated* (1954) e a *The March of Time*. Durante sua vida, Luce apoiou financeiramente vários programas como o *Save the Children Federation*, o *Metropolitan Museum of Art* e a *United Service to China, Inc.* Anti-comunista convicto, Luce era membro influente do Partido Republicano e teve um papel importante no chamado *China Lobby*, quando utilizou sua força editorial para influenciar a política externa norte-americana, insuflando os sentimentos populares em favor da luta do líder nacionalista Chiang Kai-shek contra os japoneses. Em 1941, desejoso de tornar-se secretário de Estado em uma administração Republicana, Luce escreveu um editorial (LUCE, H. R: "*The American Century*" reimpresso em *The Ambiguous Legacy*, M. J. Hogan, ed. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1999.), no qual definia o papel da política externa norte-americana para o restante do século XX e eventualmente, para além dele. No artigo, ele exigia que os Estados Unidos trocassem o isolacionismo praticado até então "por um papel missionário, de Bom Samaritano do mundo, com a finalidade de espalhar a democracia entre todos os povos". De acordo com David Harvey (in *The New Imperialism*, New York: Oxford University Press, 2003, p.50.) ele acreditava que o poder de uma grande potencia deveria ser global e universal, muito mais do que especificamente territorial e portanto, para definir o papel dos Estados Unidos no cenário internacional, preferia usar o termo "Século Americano", ao invés de "Império Americano".

ii Em *Present at the Creation*, Dean Acheson narra que em 8/8/45, decidido a retornar à prática privada da advocacia e considerando-se liberado de seus deveres patrióticos com o fim da Segunda Guerra, apresentou sua demissão de Secretário Assistente ao Secretário de Estado James Byrnes,

aceita no dia seguinte, conforme documentos que ele transcreve nas páginas 114 e 115 da obra acima referida. No mês seguinte, no entanto, foi chamado de volta a Washington para assumir o cargo de Sub-Secretário, que aceitou após alguma hesitação, fortemente influenciado pelo mesmo “espírito patriótico” que já o fizera abandonar a prática privada anteriormente. É ele também quem narra, (Pgs. 140-148) que o General George Marshall, Comandante em Chefe que havia solicitado baixa do serviço e aposentadoria após o fim da Segunda Guerra, aceitou por “dever patriótico” ser enviado à China em novembro de 1945 como emissário especial de Truman para resolver a questão comunista e posteriormente, (pg192-193) em setembro de 1946, assumiu o cargo de Secretário de Estado que havia sido deixado vago por James Byrnes. Esse “chamado” era mais facilmente identificado entre os servidores de confiança do Presidente e entre os militaristas, pois todos – sem exceção – tinham uma carreira civil bem sucedida e poderiam retornar a ela quando bem entendessem, como efetivamente retornaram. De acordo com Wright Mills, 1962 (p. 30) de modo geral, os membros da elite do poder nos Estados Unidos tendiam, convencionalmente, a negar que fossem poderosos. Segundo ele, nenhum americano se candidata para dominar ou mesmo para governar, mas apenas para “servir”. Não se tornam burocratas ou funcionários, mas “servidores públicos”, pois são impotentes enquanto partido ou círculo: só o povo seria “onipotente”. No entanto, quando falam do poder do partido ou círculo do adversário, atribuem-lhe onipotência – e o povo é enganado. Esse argumento explica, parcialmente, o desdém de Harriman, Acheson ou mesmo de Kennan, enquanto chefiava o PPS, em relação à opinião pública, mas Roosevelt ou Truman não podiam dar-se a tal luxo se quisessem permanecer no poder. Por serem burocratas da confiança do governante e portanto, “movíveis”, todos eles retornaram à vida privada ao final do governo Truman. Após se desligarem da Casa Branca, Harriman e Lovett, reassumiram seus postos na Brown Brothers; McCloy, na Milbank, Tweed, Hadley & McCloy. Acheson também retornou à iniciativa privada em 1953. Forrestal, apesar de ser presidente da Read & Co, suicidou-se em 1949 após deixar o cargo. Marshall assumiu a presidência da Cruz Vermelha.

ⁱⁱⁱ As relações de honorabilidade aqui descritas são as referentes ao capital social da família, somado a outros capitais simbólicos, como a educação, a escolha dos cursos superiores, o casamento, etc.

^{iv} Na elaboração de suas memórias, esses internacionalistas se comportaram, aliás, com a descrição característica de seu grupo de status. Para Bourdieu, comparativamente às classes sociais, os grupos de status se definem menos por um ter do que por um ser, perseguindo a distinção com uma espécie de arte. Weber, por sua vez, afirma que os grupos de status cristalizam seus princípios em tipos específicos de estilo de vida. As diferenças mais significativas entre cada grupo de status, podem ser encontradas em distinções significantes - diferenciando simbolicamente a posição de cada agente na estrutura social - como por exemplo, na maneira de vestir-se, na linguagem, na pronúncia e mesmo, na maneira de comportar-se em sociedade, seja em gestos pertinentes ao convívio social, seja na própria maneira de atuar ética e moralmente em relação aos demais grupos. As maneiras, o bom gosto e a cultura dos atores de grupo de status mais elevados têm a finalidade de distingui-los dos grupos que se posicionam abaixo de si, permitindo-lhes demonstrar uma natureza mais cultivada. Por esse motivo, aliás, Weber afirma que os grupos de status apresentam convenções próprias, específicas, que marca a todos como uma regra comum. No caso da elite do poder em questão, eles procuravam distinguir-se dos demais grupos sociais por meio de um discurso voltado à “missão” de levar a democracia, a liberdade, o capitalismo, ou valores quejandos, ao restante do mundo, protegendo os povos oprimidos e defendendo sua nação contra quem não os adotasse.

^v Que fique bem claro, neste ponto, que o que se discute nos exemplos acima não é o “se” da História, mas “como” a ação desses agentes efetivamente deu outra configuração aos fatos.

^{vi} O Gabinete de Planejamento Político chefiado por George Kennan aprovou um documento intitulado *The inauguration of organizational political warfare*, no qual era proposto um programa “de apoio a comitês de liberação”, “atividades underground atrás da Cortina de Ferro” e “apoio a grupos anti-comunistas em países ameaçados do mundo livre”. Nele, Kennan procurou enfatizar o aspecto psicológico e político que estava sendo dado ao confronto com a União Soviética, justificando sua necessidade a partir das doutrinas de Clausewitz. As operações de guerra política deveriam ser abertas ou encobertas, variando entre ações abertas, como alianças políticas e medidas econômicas como o Plano Marshall e operações encobertas, como propaganda “branca” de apoio a estrangeiros amigáveis e guerra psicológica ou encorajamento a resistência underground em países hostis. O projeto foi apresentado por Kennan ao NSC em 05/05/1948. NARA, RG 773 NSC 10/2

^{vii} O desdém intelectual e a intransigência racional que reservava às grandes massas, a outros membros dirigentes da Administração Truman e à maioria dos representantes no Congresso, chegaram a render a Kennan o epíteto de totalitário e se consagraram em sua absoluta incapacidade de adotar a flexibilidade política da maioria de seus parceiros no campo. Kennan era um crítico feroz

do parlamentarismo e da democracia, abominando a inclinação dos líderes norte-americanos a ignorar ou se desfazer de fatos ou problemas que perturbassem a opinião pública ou os sentimentos populares. In LUCAKS, op.cit, p.33 e 37-38.

^{viii} Como quando Kennan manifestou sua contrariedade ao Presidente Truman pelo reconhecimento do Estado de Israel e nos embates que manteve com os Secretários Dean Acheson e Foster Dulles - que resultaram em seu pedido de demissão do Serviço Externo.

^{ix} Durante o verão de 1949 o Departamento de Estado chefiado por Dean Acheson produziu um estudo sobre as relações recentes entre Estados Unidos e China. O documento, chamado de “Relatório Branco”, tentava desfazer qualquer interpretação incorreta das relações diplomáticas sino-americanas e, publicado no calor da ascensão de Mao Zedong ao poder, tentava demonstrar que a intervenção dos Estados Unidos na China estava destinada ao fracasso. Apesar da expectativa de Acheson e Truman de que o estudo pudesse desfazer rumores e conjecturas levantados por congressistas e populares que apoiavam o Senador McCarthy, na verdade, seu papel foi o de ajudar a convencer os críticos de que a administração havia realmente falhado por não terem diagnosticado com maior antecedência a disseminação do comunismo na China. GARSON, Robert. 1994, pp. 27–33.

^x A Cruz Vermelha Internacional é uma organização humanitária que foi fundada em 1863 para assistir militares feridos, Em 1864, após a realização da Convenção de Genebra, para melhorar as condições de amparo aos feridos e a Convenção de Haia em 1899 disciplinando as “normas” de guerras terrestre e marítimas, a assistência aos prisioneiros de guerra teve grande avanço. Atualmente, ela também atende a civis em situações de guerra e em nações que violam os Estatutos dos Direitos Humanos, bem como a vítimas de desastres naturais em nações com carência de recursos próprios para assistir às vítimas.

^{xi} Essa dominação se assenta em uma verdadeira constelação de interesses ou de monopólios econômicos e se estabelece a partir da autoridade legal, qual seja, do poder dar ordens a pessoas em virtude de um estatuto sancionado e de uma burocracia fundada em hierarquia funcional, de profissionalismo, de atribuição de funções. A obediência se presta não à pessoa, em virtude de direito próprio, mas à regra, que se conhece competente para designar a quem e em que extensão se há de obedecer. Weber classifica este tipo de dominação como sendo estável, uma vez que é baseada em normas estatutárias, assegurando legalmente o poder de autoridade. Weber, Max, 2005.

^{xii} Como por exemplo, o confronto com a União Soviética, as necessidades da descolonização de Ásia e África, as cobranças internacionais por causa de divisão da Alemanha, a criação de organizações de caráter supra-nacional para exercer domínio indireto sobre as demais nações e as mudanças na ética de governança com o início das operações “políticas” desenvolvidas pela CIA no ambiente internacional.

^{xiii} Paul Nitze era um produtor de bens simbólicos no Departamento de Estado subordinado a Kennan, como antes havia se subordinado a James Forrestal e, como um servidor mais afeito às regras do campo, soube oferecer à camada dominante uma produção intelectual mais afinada com os interesses militaristas do grupo que buscava a hegemonia no governo. Além de apresentar uma argumentação intelectual onde a força – representada pelos militaristas e pelo Departamento da Defesa - teria um papel mais predominante do que a diplomacia, que caracterizara a ação dos primeiros contencionista e que era representada pelos membros do Departamento de Estado, Nitze se consagrou ao elaborar o NSC-68 e ao insistir em sua aplicação, transformando-se na escolha natural do grupo que disputava o poder aos internacionalistas: substituiu seu mentor e passou a ocupar a chefia do Planejamento Político.

^{xiv} Em suas Memórias, Kennan enfatiza que não queria ter poder per si ou pelo prestígio que este trazia consigo, porque sabia que estes eram privilégios efêmeros, mas porque com poder, teria condições de colocar em prática o que acreditava ser melhor para seu país.